



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Energia de Fluxos ou Comunicacionalização: a necessidade urgente de um novo estágio para a mediatização.¹

Flow Energy or Communicalization: the urgency of a new stage for mediatization.

Andre Nogueira Hubler

Palavras-chave: Mediatização; Comunicacionalização, Percepção, Energia, Fluxos.

As inúmeras características que a tecnologia e a mediatização nos trouxeram nos últimos anos tiveram faces positivas e faces negativas. A interação pessoal, substituída pela interação mediada nas redes sociais online retira variáveis de entendimento e percepção antes presentes no dia a dia e na sociabilidade. Alguns aspectos culturais se redesenharam de forma eficiente para minimizar elementos negativos, contudo, outros ainda precisam de crescimento e polimento. Esse é o caso de inúmeras interações realizadas no ambiente digital, principalmente quanto a construções emocionais. Um dos papéis deste artigo é o de reflexão acerca do domínio das técnicas de comunicação, hábeis na construção de sentido, principalmente em comunicações assíncronas, com uso das variáveis emocionais, uma vez que o impacto deixado por elas, quando realizadas de forma superficial ou com objetivos escusos, gera fluxos destrutivos e de caráter nocivo, psicologicamente, para alguns indivíduos e a sociedade em questão.

Vivenciamos, nos últimos anos, uma polarização crescente de opiniões e uma relativização do sentido de empatia. As ideias de um têm mais valor que as ideias dos

¹ Trabalho apresentado ao III Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 6 a 10 de maio de 2019.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

demais, e no contexto em que encontrar apoiadores é facilitado pelos algoritmos das aplicações na internet, esses fluxos gerados por tais agentes se tornam caóticos, ampliados para outros ciclos (ambiente familiar, trabalho, etc.) e esferas sociais.

Sabendo que estes fluxos podem ser contínuos, e até ininterruptos – como traz Braga (2012), quando faz a comparação entre os modelos, afirmando que ”percebemos que o esforço interacional se desloca do modelo conversacional (comunicação reverberante, de ida e volta) para um processo de fluxo contínuo, sempre adiante.” – nossa preocupação com a energia gerada é ainda maior. Energia advinda da percepção, do acúmulo emocional e da perspectiva social (o eu diante do mundo), quando concentrada, determina aspectos que vão além das interações comunicacionais, afetando relacionamentos e por consequência a qualidade de vida do indivíduo mediatizado. Quanto mais superficial seus aspectos de mediatização, maior impacto negativo os fluxos (quando negativos) terão sobre este.

Um comentário em uma foto, um título em uma postagem, um recorte intencional, um argumento ou um silêncio proposital podem marcar a forma como a interação será realizada. Cada vez mais, no campo da comunicação, a escolha é feita por agentes despreparados e desprovidos de consciência da sua intencionalidade e das reações advindas dessa interação.

Como parte das pretensões do artigo, a reflexão sobre as práticas de interação social em tempos de redes sociais online, comunicadores instantâneos e toda vertente tecnológica de interação, uma vez que este é um dos principais cenários de ruídos. Nos últimos meses, e até mesmo anos, vivenciamos uma crescente polarização, despontando conceitos cada vez menos compreensíveis entre os polos sociais e políticos, com uma moralização das relações voltada para a prática da hipocrisia.

O indivíduo se capacita dos aspectos comunicacionais de forma rasa, em uma mediatização cada vez mais generalizada e cada vez mais superficial. Não há, muitas vezes, por parte dos interlocutores, a clareza de intenções. Imagine que uma vez que



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

you publish or post something on a social network online, whether it is or is not, you are at the mercy of other users who will be able to interact, comment and share that post. From this interaction, the flow is established and passes to generate an egrégora (individual and collective/emotional energy) around and does not have control over the crossings or elements that will arise along the way.

We could observe this phenomenon through numerous areas of knowledge. However, the nature of the facts demonstrates that if communication expanded elements beyond the creation and dispersion of content and had its arm close to education strengthened, we would have more chances of suppressing the negative elements of these relationships, working in a clearer and more direct way about each of the elements that compose these interactions. Our objective, therefore, is to understand and analyze the possibilities of communication as a formative technique for the maintenance or reduction of negative flows. We work with the imagination that each set of interactions will generate an energy, which is the result of the sensorialization performed on the reading of these interactions. The written word, isolated, does not have feelings, but can generate them. The flows, therefore, are communicational, psychological, emotional and, therefore, energetic.

Our argumentation works on four pillars, which will be evaluated and reinforced by classic and innovative authors, from communication, psychology, neuroscience and related areas. The main reflection of the author of this article on these issues is that we are living in the century of information, and it will be the area of communication prerogatives that were previously of other social fields, as it affects us in a more and more direct way our perception of the world. Clarity of intention, command of the lexicon, manifestation of empathy and disengagement and communicational engagement are the four pillars that we defend. Today, divided into technical skills of communication, such as journalism, advertising and public relations, but which should be seen as a need for mass learning. If society has mediated



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

práticas de interação no âmbito superficial do formato, é o momento de nós nos “comunicacionalizarmos” de forma plena.

Dominados pela repressão à loucura e à vergonha, passamos a sermos censores sociais nas interações que realizamos no ambiente digital. Os *haters*, denominação dada àqueles que interagem na rede social com o objetivo de diminuir os outros ou de gerar polêmica, são um bom exemplo de falta de empatia e da noção que Frayze-Pereira (1984) apresenta do histórico de sanidade da nossa sociedade. Para ele:

“diante do inumano a sociedade clássica sente vergonha (...) a honra das famílias e da religião deve ser preservada. Os perigos do mau exemplo devem ser suprimidos. Há o temor de que, se tornadas públicas, as formas do desatino contaminem a sociedade. (...) E será apenas quando a honra já não puder ser afetada, quando o perigo do escândalo tiver sido afastado, que se cogitará da libertação do interno.” (Frayze-Pereira, 1984)

Nessa necessidade de construir censura ao que é diferente, estabelecem-se relações de poder, nem sempre validadas, mas uma tentativa de relação. Eu primeiro exponho o outro para livrar a mim mesmo da exposição. Esse aspecto da relação extremamente enraizado em nossa sociedade, conforme nos aponta Chauí (2001):

“(...) micropoderes capitalizam o autoritarismo em toda a sociedade: na família, na escola, nas relações amorosas, no trabalho, na mass mídia, no comportamento social nas ruas, no tratamento dado aos cidadãos pela burocracia estatal, no desprezo do mercado pelos direitos do consumidor, na naturalidade da violência policial” (Chauí, 2001)

Essa marcação de poder realizada pelos comentários de censura, negativos e direcionados a pequenos grupos demonstra que os aspectos previstos pelos autores que defendiam uma globalização positiva não se estabeleceram, e que é urgente um posicionamento da sociedade em relação às técnicas comunicacionais. Lima (2006) nos trazia que as características do “mundo globalizado” seriam exatamente a “descentralização da identidade cultural e o surgimento de identidades múltiplas, isto é, abertas, contraditórias, inacabadas e fragmentadas.” (LIMA, 2006). Contudo, e ao



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

mesmo tempo, vivenciamos uma tentativa de pasteurização de ideias, de identidade, de religião, de cor, de gênero que polariza a sociedade que ainda busca estabelecer o que é loucura e o que é normal.

De tempos em tempos, confundimos a tecnologia utilizada na comunicação, com a própria comunicação. MARTIN-BARBERO (2009), relembra a adoção da teoria funcionalista como modelo comunicativo, em que o conceito de comunicação era estritamente mecânico, comparando-a à transmissão. Esse aspecto da tecnologia a sociedade midiaticizada demonstra já ter domínio, nos falta a manifestação da prática intelectual da comunicação no processo de mediação.

Em face de que “numa sociedade que tem horror ao diferente, que reprime a diversidade do real à uniformidade da ordem racional científica, (...) a loucura é uma ameaça sempre presente” (Frayze-Pereira, 1984), surgem indivíduos repressores, que utilizam-se do aparato instalado para gritar suas semelhanças ignorando aspectos empáticos e a diversidade de opiniões, direcionando sua argumentação superficial para o campo da polarização e ganham adeptos por dominarem os aspectos da forma.

Uma amostra dessa interação é apresentada na série de documentários “Eu e o Universo” (2018), produzida pelo Netflix, em que no primeiro episódio o assunto central são as mídias sociais. Nesse vídeo é apresentado, em formato de brincadeira infantil, um teste bastante interessante. É gravado um trecho com uma “aspirante a cantora”, que desafina propositadamente. Em seguida, o mesmo é apresentado a dois grupos de 4 crianças. Um grupo é informado de que após os comentários feitos na rede social, eles seriam apresentados à cantora, o outro grupo foi informado que não teriam contato algum com a mesma. Na conclusão do experimento o grupo que sabia que teria contato posterior teve comentários menos negativos e nenhum comentário ofensivo, já no segundo grupo os comentários foram maldosos e com objetivo de atacar. Em um segundo momento da experiência, os dois grupos são convidados a conhecer a cantora e



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

ler seus comentários para ela. Alguns membros do segundo grupo não leram os comentários na íntegra ou mudaram palavras na intenção de não a magoar.

Esse pequeno experimento do documentário, nos mostra o quanto os quatro pilares são necessários nas interações comunicacionais. Se o sujeito está mediatizado em seu aspecto mais superficial, precisará, por via de regra, ser capacitado para os demais elementos das técnicas comunicacionais. Dessa forma, a comunicação passa a ser uma das áreas de conhecimento centrais no entendimento do comportamento humano, e na colaboração para redução de ruídos sociais. Quem sabe ainda, para a definição utópica de uma sociedade global.

Há também, a necessidade de discussão da percepção sensorial de tais relações e a forma de recepção dos contrastes comunicacionais. Como a energia gerada nos fluxos comunicacionais de natureza negativa impactam o dia a dia emocional e intelectual do indivíduo mediatizado? Como é feita a construção de identidade e a apropriação cultural em um mundo polarizado (e que luta midiaticamente para a construção dessa polarização)? Há a real necessidade de uma mudança de postura no saber da área da comunicação e um novo nível a ser ocupado por ela desde as bases da construção do intelecto do indivíduo? Acreditamos que a energia gerada em cada um desses confrontamentos comunicacionais impacta de forma direta e massiva na realidade do indivíduo, passando de crises familiares à identitária. Que há a necessidade de mobilização da área da comunicação para permitir que suas técnicas sejam apropriadas com profundidade, entendendo principalmente a intencionalidade, o conjunto de significados das palavras, a simulação da empatia e a ação e reação em cima do engajamento e compartilhamento de informações.

Achor (2012) nos mostra que “a ‘cegueira não intencional’, nossa incapacidade frequente de ver o que muitas vezes está bem debaixo do nosso nariz se não estivermos focados diretamente nele”, está diretamente relacionado com nosso enfoque nas nossas interações. O que pode sofrer grande impacto com o domínio das técnicas



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

comunicacionais de forma profunda. Isso reforça nossa argumentação para um novo nível de mediatização e principalmente a manipulação positiva da energia dos fluxos, uma vez que o não saber também gera consequências negativas ou positivas no âmbito das relações sociais e principalmente comunicacionais.

Referências bibliográficas

ACHOR, Shawn. O jeito Harvard de ser feliz : o curso mais concorrido de uma das melhores universidades do mundo. São Paulo: Saraiva, 2012.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. Paper (texto a ser publicado no Livro Mediações e Mediatização – Compós). PPGCOM Unisinos: São Leopoldo, 2012.

CHAUI, Marilena de Souza. Escritos sobre a universidade. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

EU E O UNIVERSO, temporada 1, episódio 1. Criação Adam Davis, Jerry Kolber. Série original Netflix. S.l.: Media Rights Capital; Netflix, 2018. 23 min, son., col. Série exibida pela Netflix. Acesso em: 01 fev jul. 2018.

FRAYZE-PEREIRA, João A. O que é a loucura. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LIMA, 2006. Comunicação, poder e cidadania. In: Rastros - Revista do Núcleo de Estudos de Comunicação. Ano VII, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. As formas mestiças da mídia. In: Pesquisa FAPESP, n.163, Setembro de 2009. Pp. 10-15.